

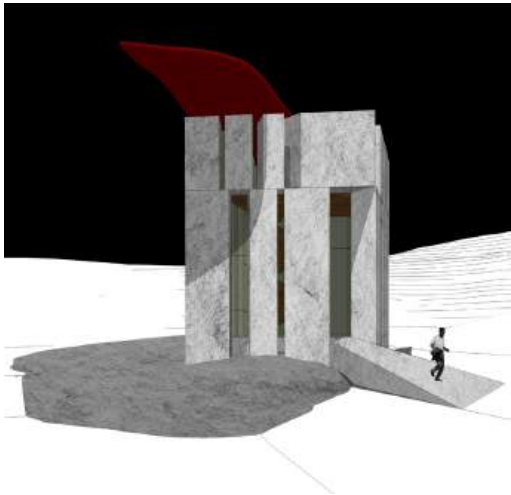
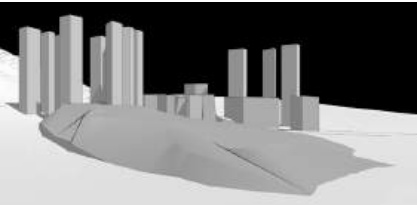
Arquitetura da Pedra

«Pedras —particularmente grandes rochas maciças— falam àqueles que desejam ouvi-las. Elas falam a cada ouvinte de acordo com as capacidades de cada um; usam o conhecimento de cada ouvinte para instruí-lo naquilo que ele aspira a saber»
—André Breton: *«Les Langues des Pierres»*

«Muitas pessoas, às vezes atraídas por um formato ou cor peculiar, não conseguem deixar de coletar e guardar pequenas pedras, sem saber porque o fazem... O Homem guarda pedras desde o início dos tempos, talvez pressentindo que certas pedras contêm o Espírito Vital, em todo o seu Mistério»
—Carl Jung: *«Man and His Symbols»*

7 edificações constituem o conjunto arquitetônico da «Cooperativa de Artesãos em Rocha Granítica», realizando um desafio posto pelo idealizador da iniciativa: conceber uma *Arquitetura da Pedra*.

Assim, Forja, Dormitórios, Administração e Auditório, Cozinha e Refeitório, mais o Atelier destinado um artista residente, são todos construídos com monolitos de até 40 toneladas, extraídos e lavrados na pedreira local; simplesmente justapostos ou apoiados, sem necessidade de argamassas ou outros elementos de fixação. Vidro e Aço complementam a construção em vidraças, pisos e cobertas.



«A caverna concha é aqui uma «cidade fortificada» para o homem só. Para o grande solitário que sabe defender-se e proteger-se por simples imagem»
«Uma solidão da altura. A solidão fechada teria outros pensamentos. Ela negaria o mundo de outra maneira. Ela não teria, para dominá-lo, uma imagem concreta: Do alto de sua Torre, o filósofo «domina» o universo.»
—G. Bachelard, *«A Poética do Espaço»*

Forja, Dormitórios, Cozinha e Refeitório, Administração e Auditório, foram concebidos em exploração dos temas arquitetônicos da *Axialidade*, *Simetria*, *Frontalidade* e *Contraponto*. [1]

A arquitetura do Atelier —centro da invenção artística— diferencia-se, sintetizando contemporaneamente dois Arquétipos arquitetônicos: a *Torre* e a *Colunata*. [2]

Nesse edifício, blocos poliédricos, precisamente talhados nas medidas do «Modulo» [3] são simplesmente apoiados em 2 níveis, mantendo-se em equilíbrio estável apenas pelo gigantesco peso próprio, seus centros de gravidade calculados pelo Método de Erastótenes. [4] Entre blocos, lâminas de vidro pivotantes constituem Porta e Janelas.

O ritmo de massas e vazios recria tradições primevais da Arquitetura, incorporando valores contemporâneos de «complexidade».

Na sua Verticalidade, a Torre do Atelier constitui um *Axis Mundi*, que marca e assim cria o Lugar. Como disse Bachelard, «A Casa é um ser vertical. Ela se eleva. Ela se diferencia no sentido de sua verticalidade. A Casa é imaginada como um ser concentrado. Ela nos convida a uma consciência de centralidade». E desse modo assume solenidade hierática, expressão de uma arquitetura *essencial*. [5]

Por outro lado, evidencia-se uma tensão contemporânea: A assimetria estabelece uma qualidade dinâmica; A dissonância dos ângulos não retos alteram as antigas «harmonias do repouso», transformando «formas que pesam» em «formas que vibram». As faces diagonais dos blocos recortando visibilidades internas e externas de um modo surpreendente, condicionado também pelos movimentos dos observadores no interior e exterior da edificação.

[1] Axialidade, Simetria, Frontalidade e Contraponto.



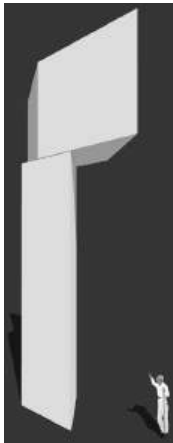
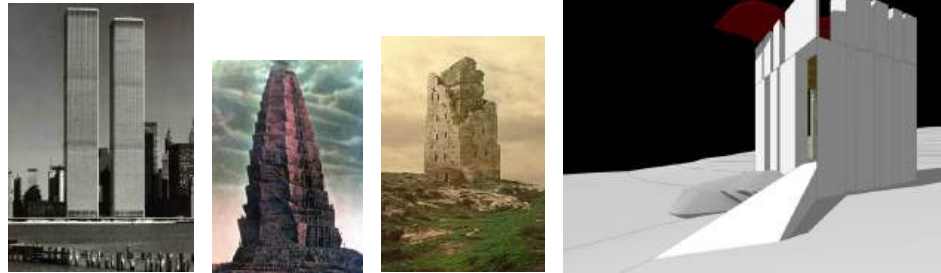
[2] Dois Arquétipos Arquitetônicos: a Torre, a Colunata.



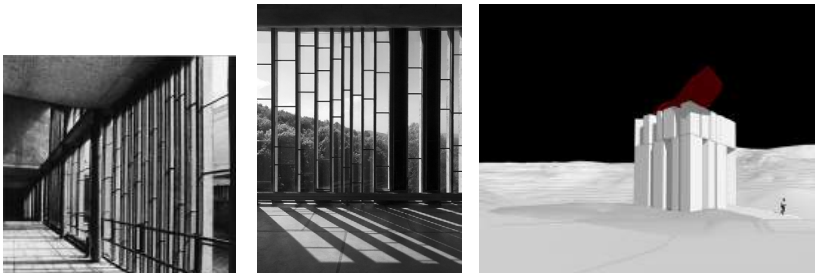
[5] G. Bachelard: A Poética do Espaço.



A partir de 1922, até sua morte em 1961, Carl Jung dedicou-se à construção de uma Casa, a sua «Torre Bollingen», à margem do lago Zurich, na Suíça.



[4] Blocos de pedra são simplesmente apoiados em 2 níveis, mantendo-se em equilíbrio estável apenas pelo gigantesco peso próprio e pelo posicionamento dos Centros de Gravidade calculados através do Método de Erastótenes.



Assim, resulta uma arquitetura afrontalizada, policêntrica e temporalizada; uma arquitetura na qual a informação —a forma— é *relativa*, dependendo da posição e movimento do observador, como também do Sol e da Lua, ao longo do dia e da noite.

Para o Homem que *«existe-entre-o-céu-e-a-terra»*, a Torre do Atelier —construída sobre uma grande rocha que aflora do terreno— tem 3 níveis: Salão de Trabalho ao rés do chão, um Porão subterrâneo —escavado na rocha em que se apoia o edifício— e uma Habitação no alto. [6]

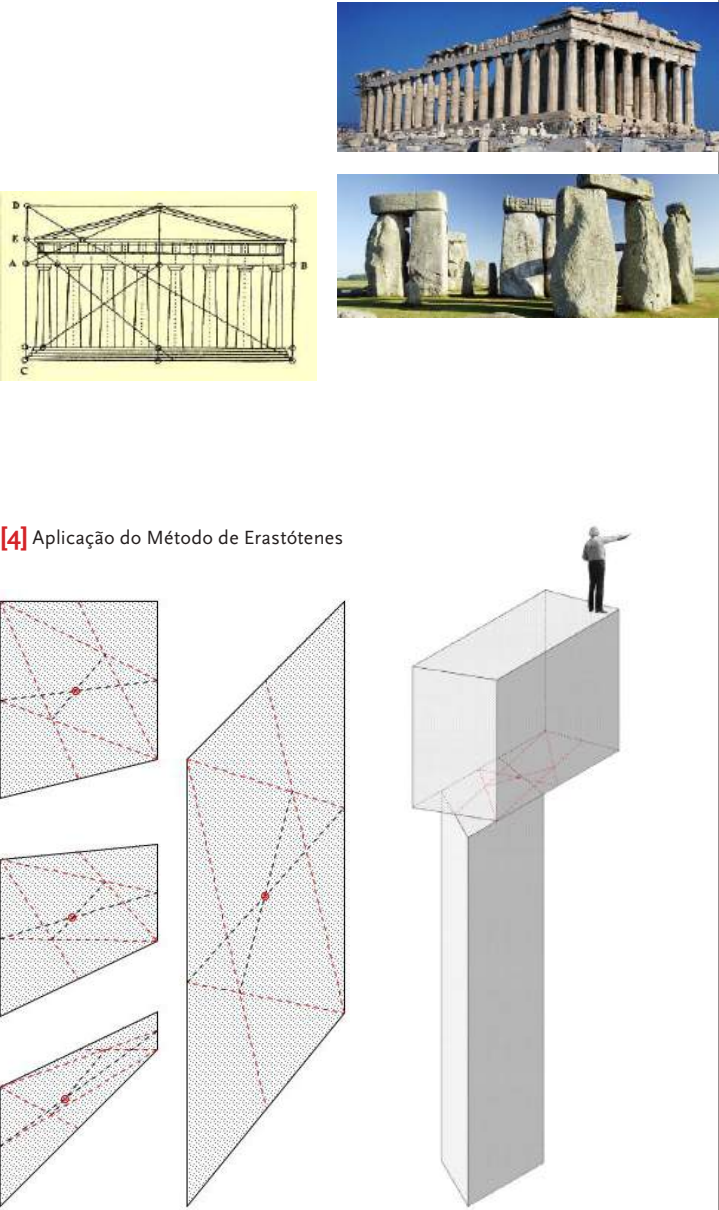
Evocando de novo Bachelard:

«A casa é, à primeira vista, um objeto de geometria rígida. Somos tentados a analisá-la racionalmente. Sua realidade primeira é visível e tangível. É feita de sólidos bem talhados, de vigas bem encaixadas. A linha reta é dominante. O fio de prumo deixou-lhe a marca de sua sabedoria, de seu equilíbrio. Tal objeto geométrico deveria resistir a metáforas que acolhem o corpo humano, a alma humana. Mas a transposição ao humano se faz imediatamente. Abre-se então, fora de toda racionalidade, o campo do onirismo.

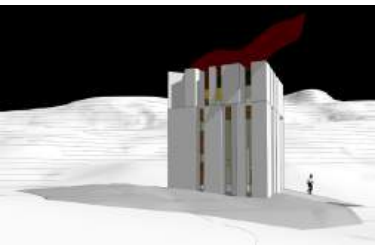
O andar mais alto, o sótão, o sonhador «edifica» bem edificado. Com os sonhos na altitude clara estamos na zona racional dos projetos do intelecto. O próprio sonhador sonha racionalmente; para ele o telhado pontiagudo corta as nuvens. Todos os pensamentos que se ligam ao telhado são claros.

O porão é o «ser obscuro» da casa, o ser que participa das potências subterrâneas. Sonhando com ele, concordamos com a irracionalidade das profundezas. Ao lado da terra cavada, os sonhos não têm limite.

Com efeito, quase sem comentário, pode-se opor a racionalidade do telhado à irracionalidade do porão.»



[4] Aplicação do Método de Erastótenes



«Para grandes sonhadores de cantos, de ângulos, de buracos, nada é vazio, a dialética do cheio e do vazio corresponde apenas a duas irrealidades geométricas. A função de habitar faz a ligação entre o cheio e o vazio. Um ser vivo enche um refúgio vazio. E as imagens habitam»

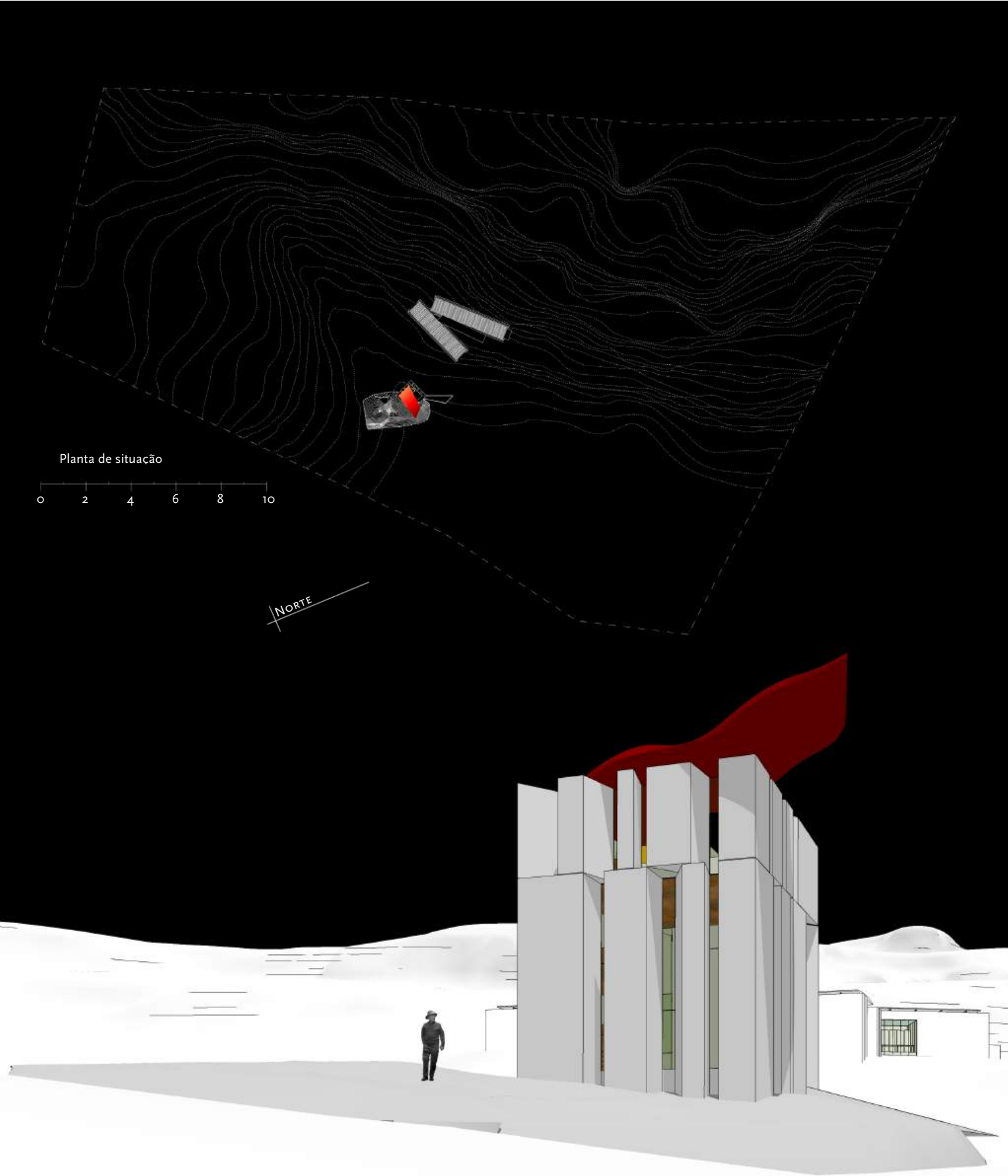
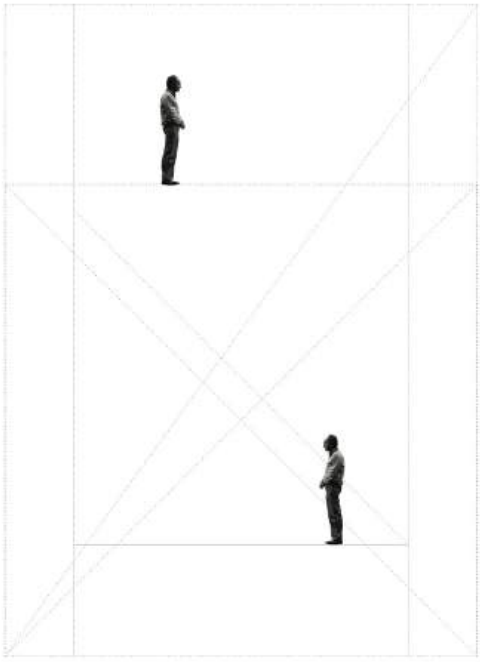
*«Pela escada das árvores nós subimos
Uma casa onde sozinho vou chamando
Um nome que o silêncio e as paredes me destinam
Uma estranha casa que se mantém na minha voz
E que o vento habita.
Eu a invento, minhas mãos desenhavam uma nuvem
Um barco aberto ao céu por sobre as florestas
Uma bruma que se dissipa e que desaparece
Como num fogo de imagens.»*
—G. Bachelard, *«A Poética do Espaço»*.

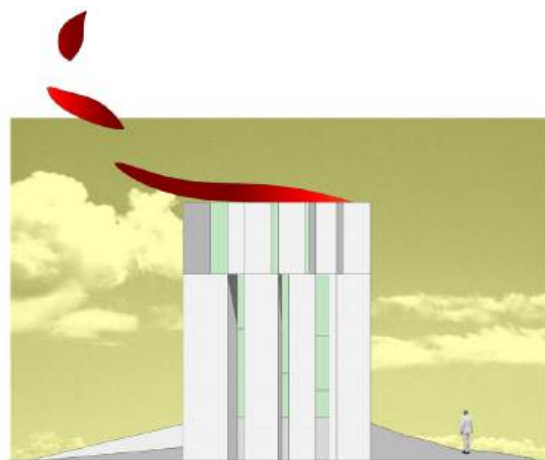
Ligando os três níveis, uma Escada helicoidal:
«Por essa escada em caracol, o sonhador sai das profundezas da terra e entra nas aventuras do alto. Com efeito, no fim de tantos desfiladeiros tortuosos e estreitos, o leitor desemboca numa Torre. Essa torre é o ideal que encanta todo sonhador de uma moradia antiga. E é perfeitamente <quadrada>; cercada por uma <luz tênue> que entra <por uma janela estreita>. E o teto é em abóbada. Que grande princípio é um teto em abóbada! O quarto <quadrado> e em abóbada está isolado nas alturas. Guarda o passado assim como domina o espaço. Uma solidão da altura. Do alto de sua Torre o filósofo <domina> o universo.

Essa Casa com raízes cósmicas vai aparecer como uma planta de pedra que cresce do rochedo até o azul de uma Torre.» [7]

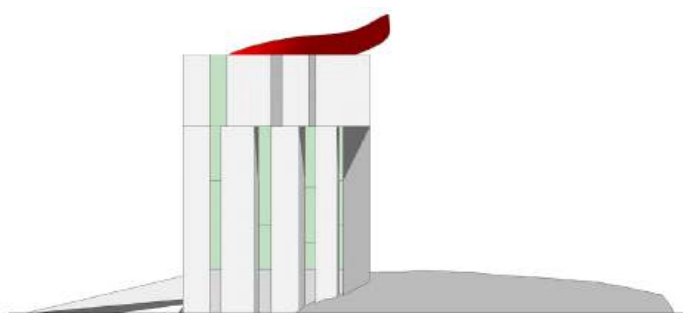
—P.R.A. • XI-MMXIII

[7] G. Bachelard: A Poética do Espaço.

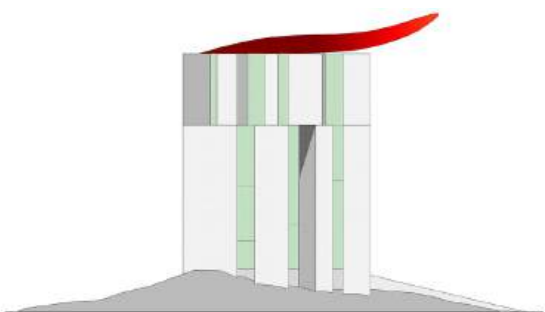




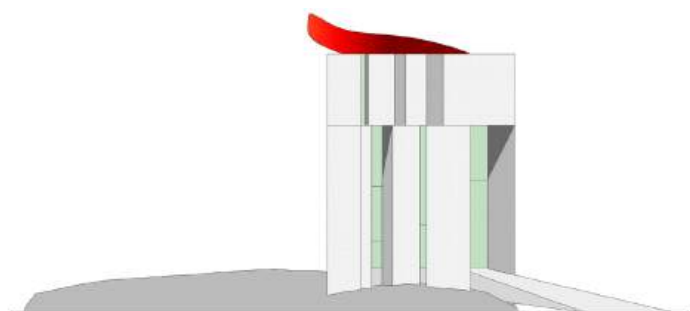
Elevação sul



Elevação oeste



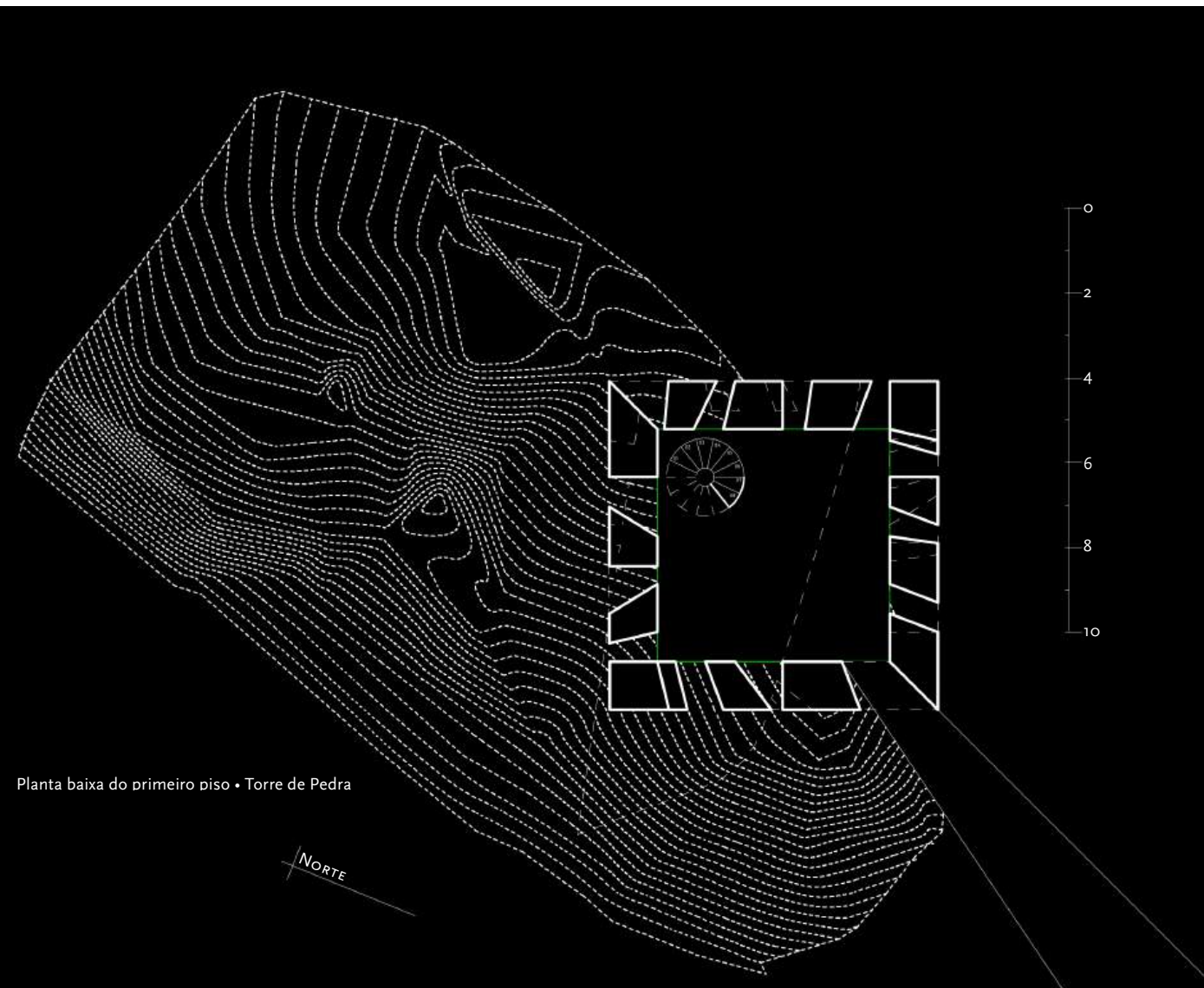
Elevação norte



Elevação leste

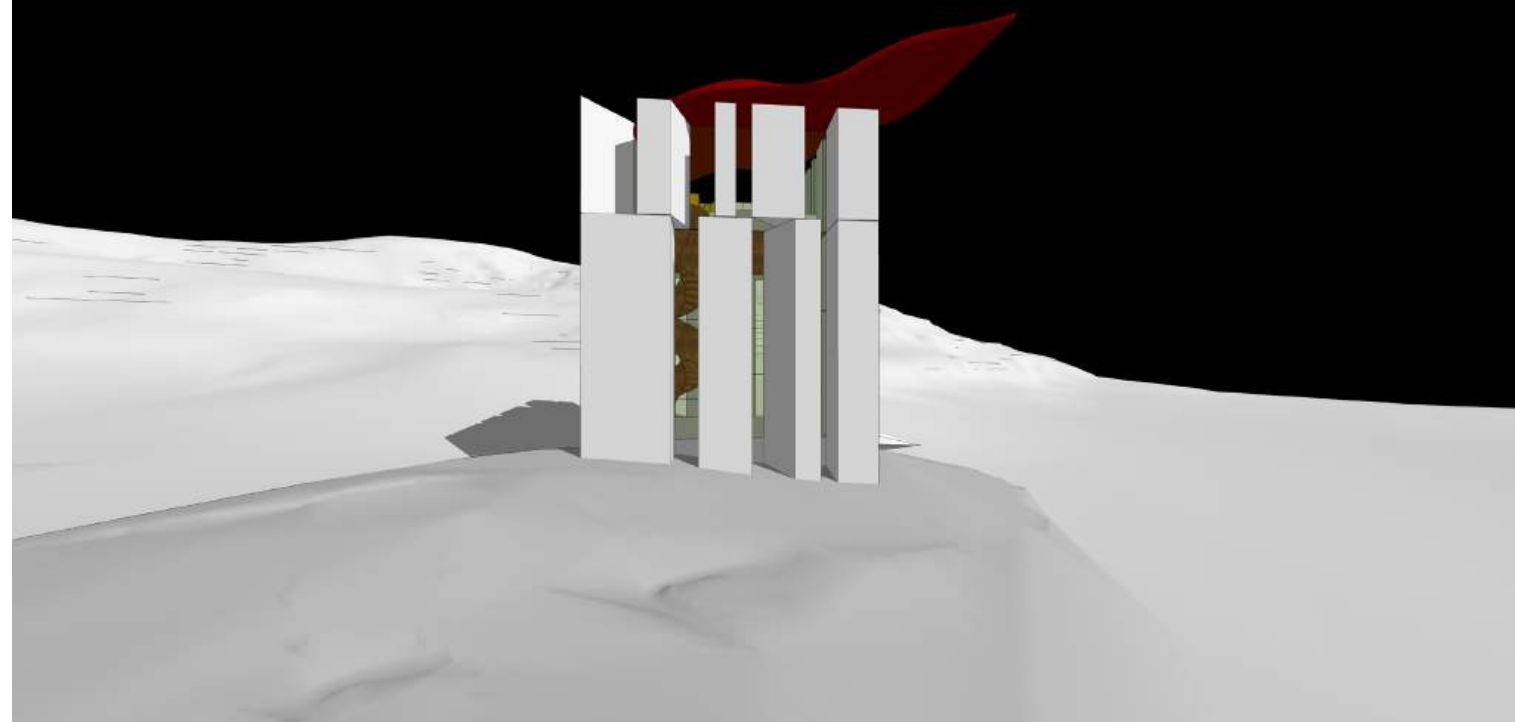


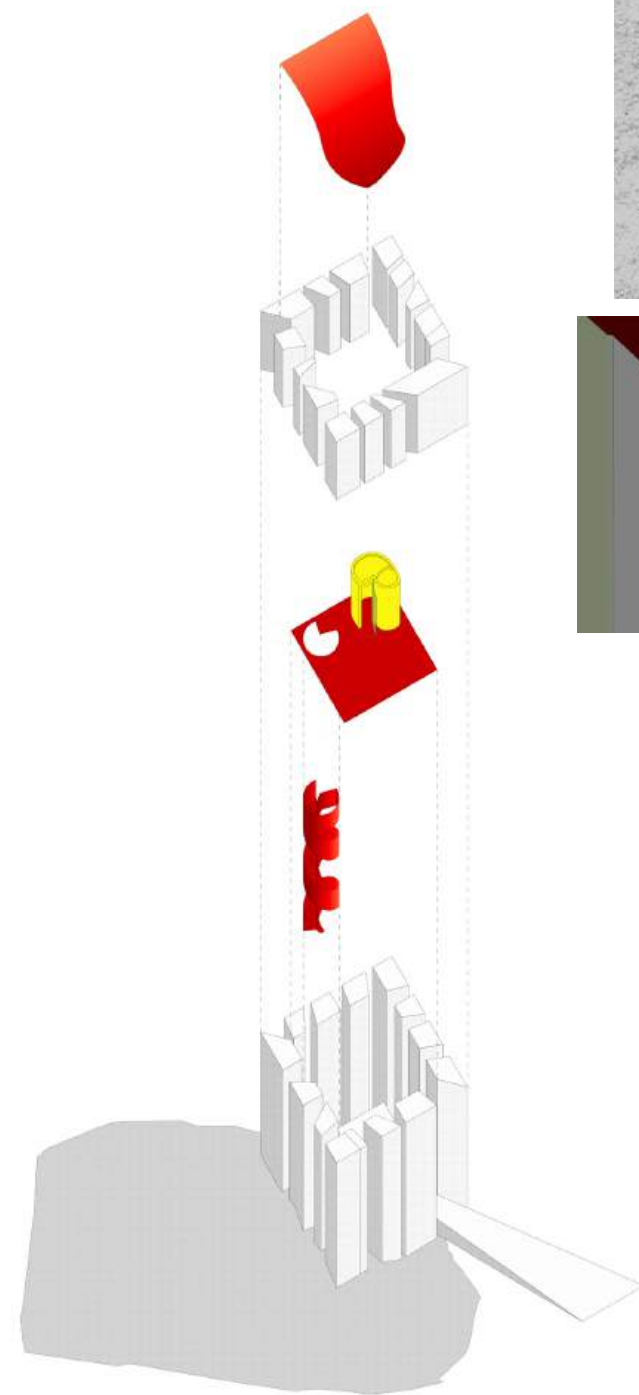
Construída na Pedra — A Torre é construída sobre uma laje de pedra que aflora do terreno. Assim, integra na síntese arquitetônica Natureza e Artifício, natural e geométrico. Continuando uma linhagem arquitetônica que vai dos Anazazi à arquitetura moderna.



Planta baixa do primeiro piso • Torre de Pedra

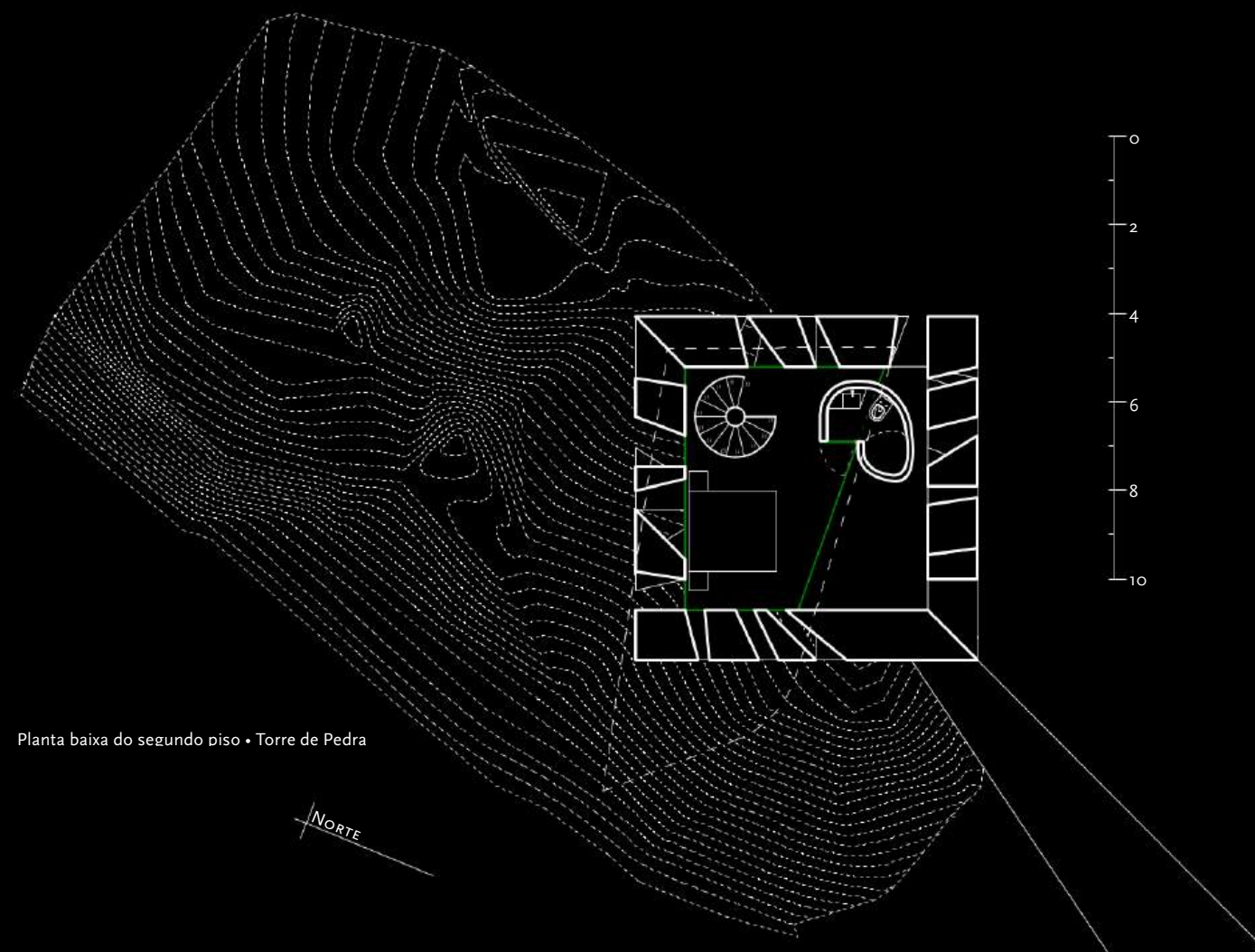
NORTE





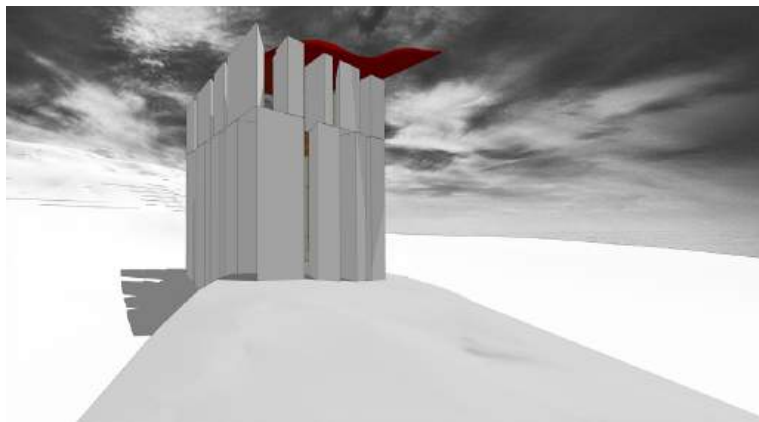
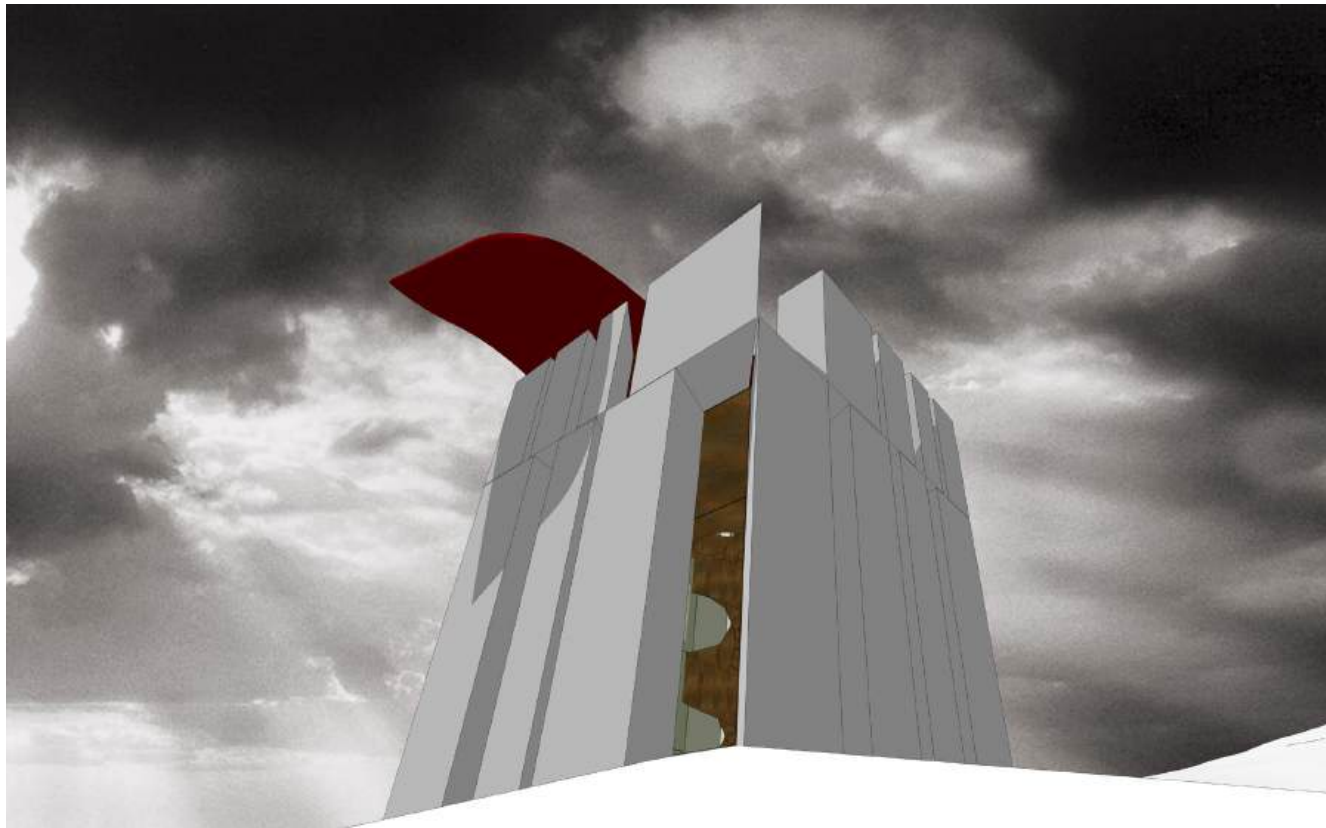
[3] Uma «Casa de Sombras»: As faces diagonais dos blocos recortam visibilidades internas e externas de modo surpreendente, refletindo a intensa luz tropical para criar no interior uma iluminação suave e difusa, propícia ao trabalho de desenho e escultura.

[6] O piso da Habitação no alto da Torre é constituído de uma lâmina de aço Corten com espessura de apenas 12 milímetros, que se mantém nivelada por tensão horizontal, presa entre blocos de pedra: Como uma folha de papel que, esticada entre os dedos, torna-se rígida e capaz de suportar muitas vezes o próprio peso. Cada passo do morador, ocasionará sutil vibração musical.

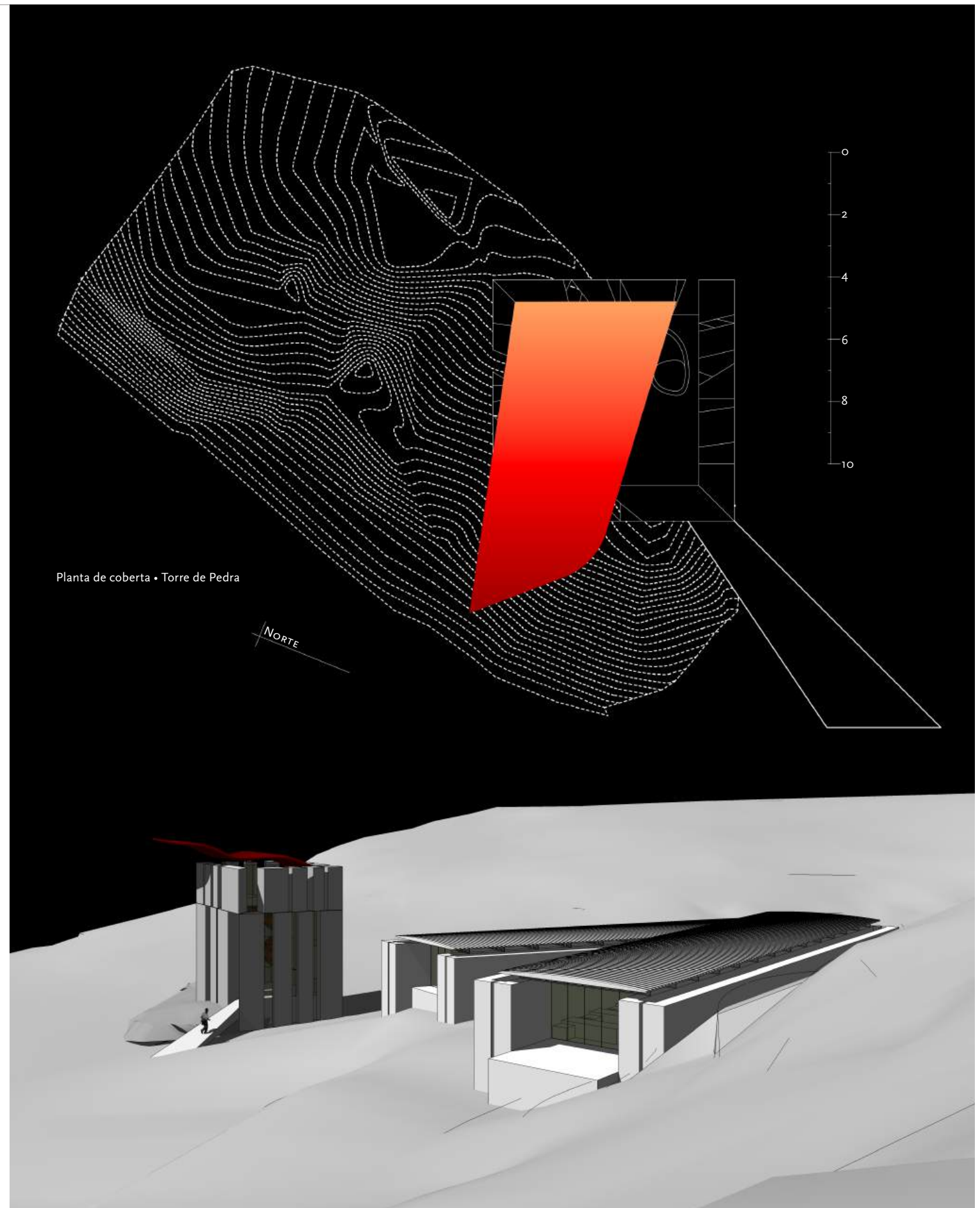


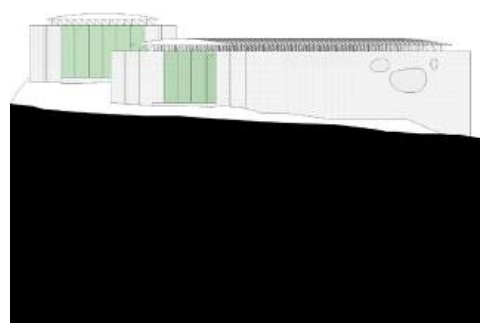
Planta baixa do segundo piso • Torre de Pedra



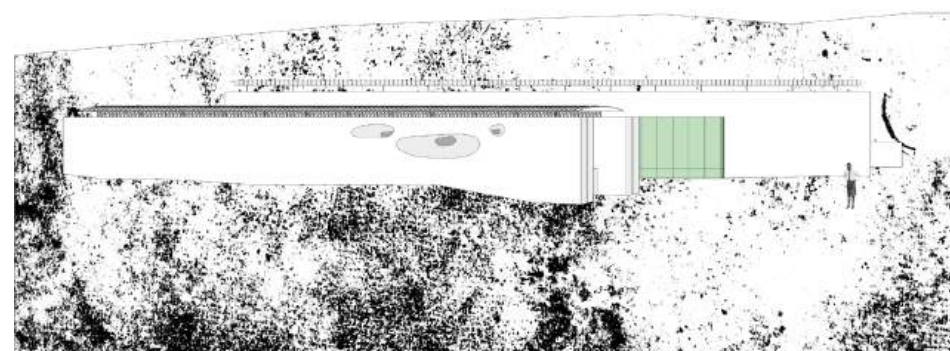


«Words and paper did not seem real enough to me. To put my fantasies on solid footing, something more was needed. I had to achieve a kind of representation in stone of my innermost thoughts and of the knowledge I had acquired. Put another way, I had to make a confession of faith in stone. That was the beginning of the Tower, the house I built for myself»
—Carl Jung: «Memories, Dreams and Reflections».

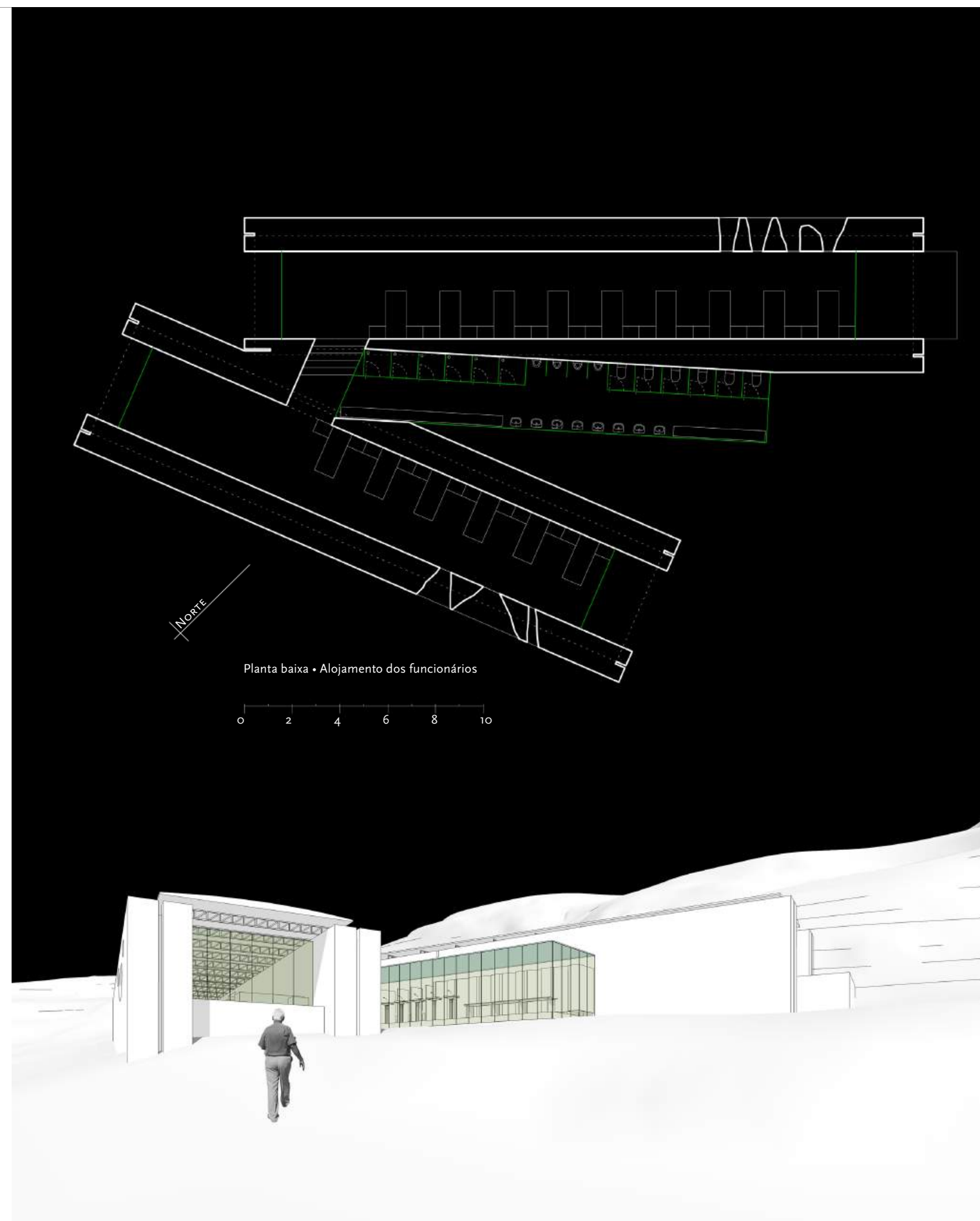


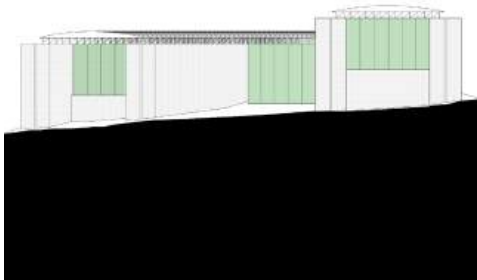
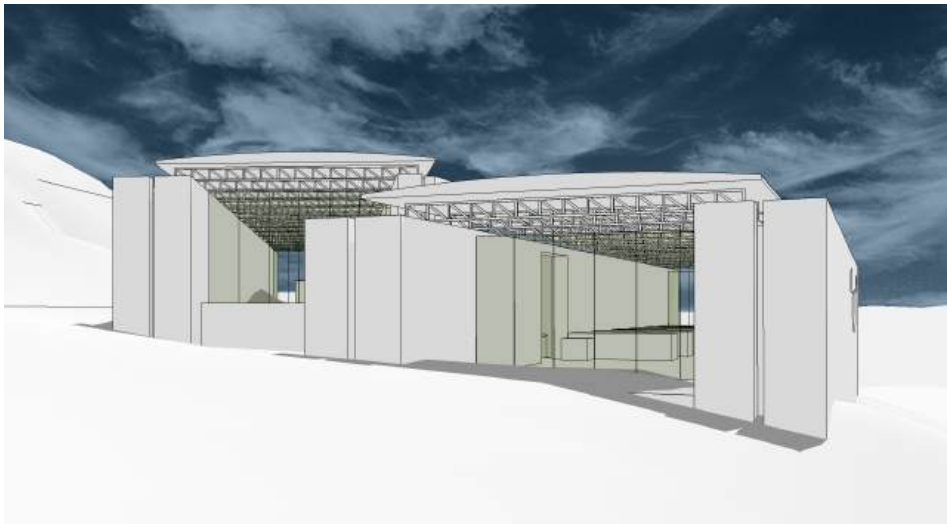


Elevação oeste

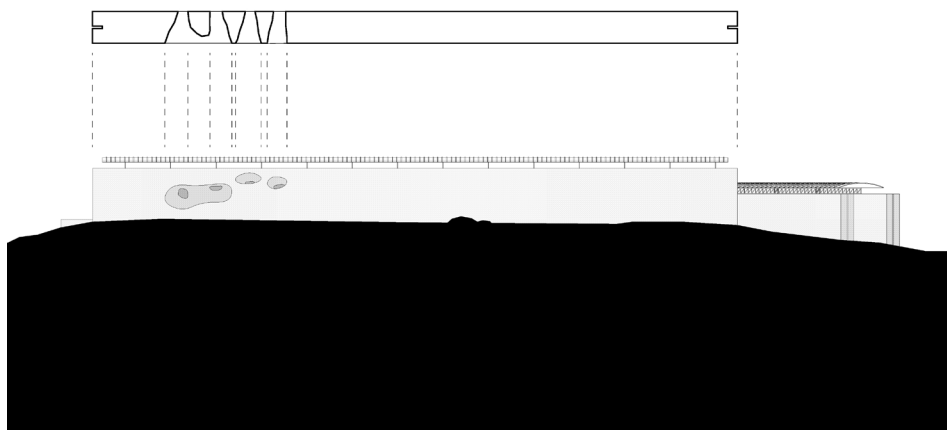


Elevação norte

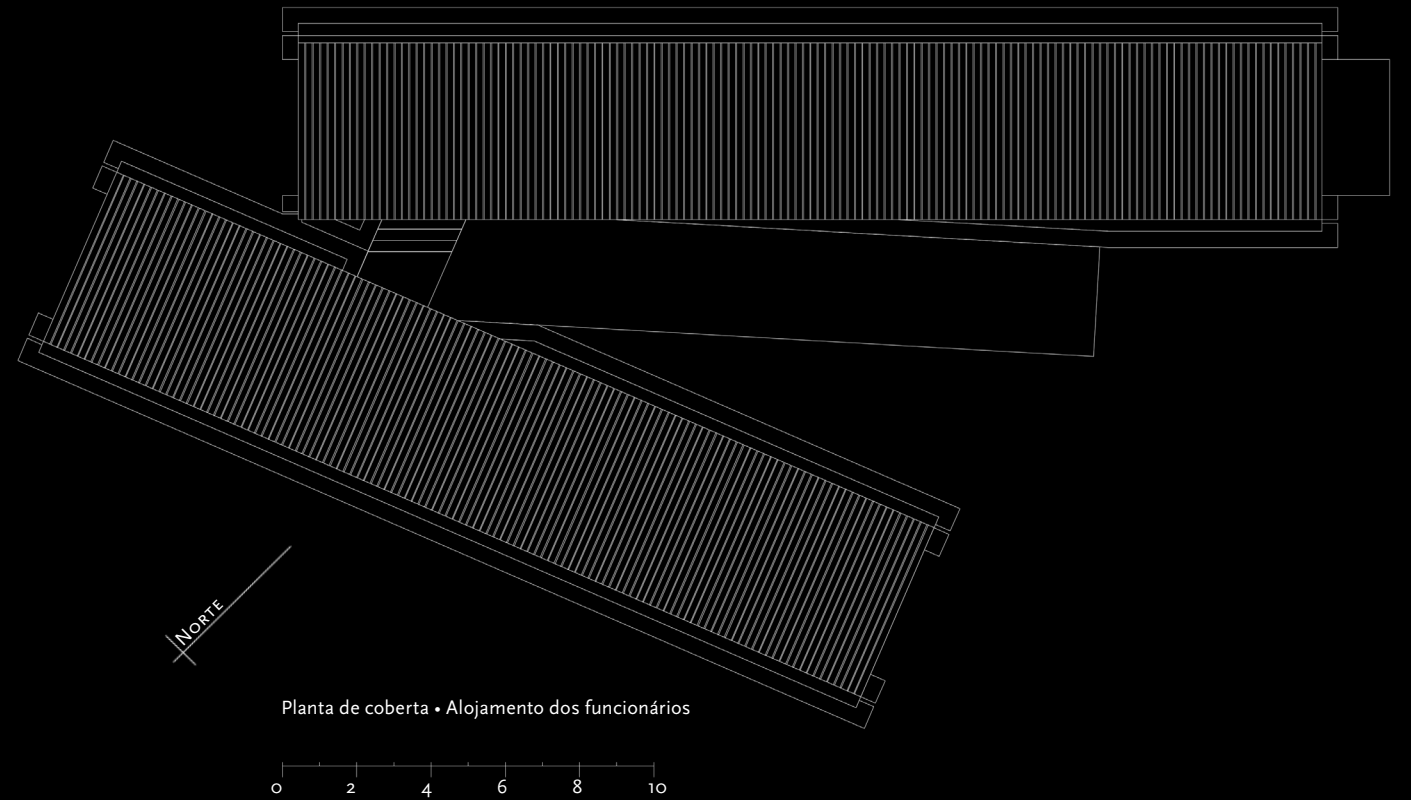




Elevação leste



Elevação sul



Planta de coberta • Alojamento dos funcionários

